

MATEMÁTICA NA COLÔNIA DE FÉRIAS: ATIVIDADES LÚDICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Vítor Veridiano Luciano ¹

Juliana Elisa Hänsch ²

Beatriz Pereira Venancio ³

Evellyn Samara da Costa Alves ⁴

Rubia Cristina Cruz ⁵

Marnei Luis Mandler ⁶

RESUMO

Neste artigo relatamos a experiência obtida com o desenvolvimento de atividades didáticas lúdicas em uma colônia de férias da rede pública de Joinville (SC). As atividades foram aplicadas em janeiro de 2025 por licenciandos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) que atuam no projeto 'A Matemática na Educação Infantil', que faz parte de um programa permanente de extensão intitulado 'Playground da Matemática'. O objetivo da proposta didática consistiu em explorar conceitos matemáticos de forma divertida e estruturada por meio de brincadeiras e atividades ao ar livre para imergir no espírito das férias escolares de alunos da Educação Infantil. As atividades aplicadas tinham como propósito estimular o trabalho em equipe, o reconhecimento de direções, a distinção e classificação de formas geométricas de acordo com diferentes atributos, como tamanho, formato e cor. Como recursos didáticos foram utilizados jogos, blocos lógicos, contação de histórias e circuitos de brincadeiras para possibilitar o engajamento das crianças participantes. A fundamentação teórica é pautada na utilização de materiais manipuláveis no ensino de matemática. A metodologia do trabalho é de cunho qualitativo, com análise interpretativa. Quatro estudantes de Licenciatura efetuaram os registros e a avaliação das atividades aplicadas com nove crianças, de idade entre quatro e cinco anos, sendo que duas delas tinham transtorno do espectro autista. A análise dos resultados indica que as atividades auxiliaram as crianças a desenvolver habilidades matemáticas desejadas para a sua faixa etária. Além disso, as atividades lúdicas realizadas ao ar-livre proporcionaram um clima descontraído para a promoção do interesse pela matemática e integraram diversão e conhecimento matemático durante as férias escolares.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, vitor.vl@edu.udesc.br ;

² Licenciada em Matemática pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, juliana.hansch@edu.udesc.br ;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, beatriz.venancio@edu.udesc.br ;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, evellyn.alves@edu.udesc.br ;

⁵ Professora do Departamento de Química da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, rubia.cruz@udesc.br ;

⁶ Professor do Departamento de Matemática da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, marnei.mandler@udesc.br.



Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de Matemática. A ludicidade no ensino de Matemática. Materiais manipuláveis. Educação Infantil. Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

O Playground da Matemática é um programa permanente de extensão desenvolvido na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que tem como propósito fortalecer os vínculos entre a universidade e as instituições de ensino de Joinville (SC). Essa iniciativa busca aproximar a formação acadêmica oferecida nos cursos de Licenciatura da realidade da Educação Básica, especialmente por meio de práticas que valorizem o caráter lúdico nos processos de ensino e de aprendizagem da matemática.

Entre as ações que compõem o programa, destaca-se o projeto ‘A Matemática na Educação Infantil’, que visa desenvolver e aplicar atividades que explorem a ludicidade e a criatividade para proporcionar aprendizagens de conceitos matemáticos a alunos do segundo período da Educação Infantil. A proposta tem como foco proporcionar às crianças experiências que envolvam brincadeiras, desafios, jogos e contação de histórias, dentre outros recursos didáticos, que permitam tornar os conceitos matemáticos mais acessíveis e atrativos em um ambiente educativo descontraído, porém com intencionalidade pedagógica bem demarcada.

Neste artigo relatamos uma experiência desenvolvida pela equipe do projeto ‘A Matemática na Educação Infantil’ no contexto de uma Colônia de Férias, viabilizada por uma parceria entre um Centro de Educação Infantil (CEI) do município de Joinville (SC) e um ex-integrante do projeto, que atualmente faz parte da equipe pedagógica do CEI. A escolha desse espaço foi motivada pela percepção de que as práticas desenvolvidas pelo Playground da Matemática podem ser adaptadas a ambientes lúdicos e menos formais, como é o caso das colônias de férias, favorecendo a aprendizagem de maneira integrada ao espírito de diversão e espontaneidade propiciado pelas férias escolares.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo relatar a experiência obtida com o desenvolvimento de uma oficina de matemática junto a alunos da Educação Infantil em uma Colônia de Férias. Dentre os resultados, buscamos evidenciar a importância do brincar como estratégia pedagógica que contribui para o desenvolvimento de diversas habilidades nas crianças, como raciocínio lógico, memória, criatividade, concentração e resolução de problemas. Acredita-se que, por meio de propostas lúdicas, é possível não



só despertar o interesse pela matemática, mas também colaborar para o desenvolvimento integral dos alunos da Educação Infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil consiste em uma fase importante para a construção de conhecimentos, para a vivência de novas experiências e para o desenvolvimento da criança nos aspectos intelectuais, sociais, culturais, motores, emocionais e cognitivos (Mundim e Saramago, 2013; Santiago e Cremoneze, 2023). Nesse contexto, a matemática tem uma importância central no desenvolvimento integral das capacidades e habilidades da criança, uma vez que estabelece as bases para o raciocínio lógico e para a resolução de problemas (Alves e Dense, 2019).

Não obstante, o ensino de Matemática na Educação Infantil exige uma abordagem pedagógica que considere as especificidades do desenvolvimento cognitivo das crianças e favoreça, ao mesmo tempo, a aprendizagem de conceitos matemáticos a partir de experiências diversas e brincadeiras variadas. É na brincadeira que a criança desenvolve as compreensões sobre o mundo em que vive, interage com outras crianças e adultos, se desenvolvendo nos aspectos cognitivos, físicos e emocionais e sociais. Na brincadeira os brinquedos, jogos e os materiais pedagógicos e didáticos (que se originam desta relação criança-brincadeira) atuam como mediadores na construção do conhecimento da criança.

Nessa perspectiva, o uso de materiais manipuláveis se apresenta como recurso didático com potencial de possibilitar à criança a exploração concreta de ideias matemáticas mais abstratas, além de favorecer uma aprendizagem pautada em aspectos mais lúdicos e interativos. De acordo com Lorenzato (2006), os materiais didáticos manipuláveis constituem-se como mediadores da aprendizagem matemática, uma vez que permitem ao aluno experimentar, observar e refletir sobre diferentes situações. O autor defende que o caráter sensorial de tais recursos didáticos potencializa a compreensão conceitual, especialmente nas etapas iniciais da escolarização, em que a criança necessita de experiências que se relacionem com o mundo da vida para fundamentar e consolidar o seu pensamento lógico matemático.

Essa concepção dialoga com a perspectiva construtivista de Piaget (1976), que destaca a importância da ação da criança sobre os objetos para formar suas estruturas cognitivas. Na faixa etária de quatro a cinco anos de idade, o pensamento pré-operatório



e egocentrismo cognitivo são predominantes, sendo importante que as atividades pedagógicas que almejem a aprendizagem sejam pautadas em situações de manipulação, experimentação e simbolização. Por meio da interação com jogos, brincadeiras, blocos lógicos, material de contagem e demais recursos didáticos concretos, as crianças podem ampliar sua capacidade de estabelecer relações, classificar e ordenar elementos, vindo a desenvolver gradual e progressivamente as principais noções matemáticas desejadas.

Ao enfatizar o papel da mediação social na aprendizagem, Vygotsky (1989) indica que a interação entre crianças e adultos, ou mesmo entre crianças e seus colegas mais experientes, possibilita a superação de desafios cognitivos que não seriam vencidos isoladamente. Com isso, caracteriza-se a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como a distância entre o que um indivíduo consegue realizar sozinho e o que consegue realizar a partir da ajuda de outra pessoa, mais capacitada que ele. Para o autor, a aprendizagem ocorre nessa zona, por meio da interação social e da mediação, em que o indivíduo pode aprender observando, recebendo orientação ou ajuda para desenvolver novas habilidades que, com o passar do tempo, podem ser tornar autônomas. Nesse sentido, a ajuda propiciada por um mediador qualificado, como professores ou monitores, pode conferir intencionalidade pedagógica às práticas educativas, transformando situações espontâneas em experiências de aprendizagem melhor estruturadas.

Dessa forma, a intencionalidade pedagógica é um elemento chave em propostas de intervenção didática na Educação Infantil. Como destacado por Kishimoto (2010) e Smole, Diniz e Cândido (2000), o ato de brincar, ainda que consista na atividade natural da criança, pode ser orientado com propósitos educativos para favorecer aprendizagens específicas, sem perder as características de prazer e ludicidade. No caso da matemática, atividades didáticas que valorizam aspectos lúdicos e planejadas de forma intencional podem permitir a exploração de noções de quantidade, formas geométricas, medidas e espaço, além de propiciar uma articulação da vivência concreta e cotidiana da criança ao desenvolvimento de conceitos matemáticos mais abstratos.

METODOLOGIA

Este artigo consiste em um relato de experiência sobre uma oficina realizada em uma instituição escolar da rede municipal de Joinville (SC), embasado em uma análise qualitativa de natureza interpretativa (Sampieri, Collado e Lucio, 2013). A oficina foi



realizada em um único encontro, com cerca de duas horas de duração, durante uma colônia de férias de verão, em janeiro de 2025, antes do início do ano letivo e contemplando nove alunos da Educação Infantil, de quatro a cinco anos de idade.

As atividades didáticas da oficina foram aplicadas por quatro estudantes de Licenciatura da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), vinculados ao programa permanente de extensão universitária Playground da Matemática. A oficina foi concebida com cinco atividades que privilegiavam uma interação entre o ambiente interno e externo à sala de aula, sendo elas, respectivamente, o Circuito das Direções, contação da história ‘A origem da contagem de números naturais’, o Bingo das Formas Geométricas, a Pulseira da Natureza e a Caça às Formas Geométricas.

Os dados foram coletados por meio dos registros produzidos por escrito pelos quatro licenciandos que conceberam e conduziram a dinâmica. Nesses registros, os licenciandos descreveram a vivência, evidenciando o contexto, as etapas, suas percepções sobre ela, os desafios enfrentados e os aprendizados proporcionados pela experiência didática. De forma integrada, buscou-se identificar as potencialidades e limitações da oficina, assim como as contribuições que a participação na experiência didática proporcionou aos licenciandos enquanto professores em formação inicial.

O RELATO DE EXPERIÊNCIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As atividades realizadas durante a oficina na Colônia de Férias tiveram como objetivo introduzir noções básicas de matemática de maneira lúdica, buscando aproximar conceitos abstratos da experiência concreta das crianças. Para tanto, foram propostas cinco dinâmicas, concebidas com o uso predominante de materiais manipuláveis ou elementos da natureza para favorecer a criatividade, a autonomia, a cooperação e o aprendizado no desenvolvimento das práticas.

A primeira atividade consistiu em uma brincadeira chamada Circuito das Direções, em que os alunos participantes foram separados em trios e um circuito foi desenhado com giz no chão do pátio externo do CEI. Um dos integrantes de cada equipe foi vendado, enquanto os demais deveriam guiá-lo pelo circuito, utilizando indicações de direções como ‘direita’, ‘esquerda’ e ‘em frente’, para coletar formas geométricas posicionadas previamente no circuito (Figura 1). Quando o trajeto era completado, os membros da equipe trocavam de papéis entre si, de modo com que todos os alunos



pudessem vivenciar as duas experiências: guiar os colegas e ser guiado por eles.

Figura 1: Aplicação da atividade ‘Circuito das Direções’



Fonte: Os autores (2025).

A proposta visava estimular a noção espacial, o entendimento de comandos e a interação e cooperação entre as crianças. Contudo, observou-se que muitas crianças apresentaram dificuldades em compreender e seguir as instruções recebidas dos colegas. Ainda que no início da dinâmica tenham sido revisadas as noções de lateralidade por uma perspectiva corporal de direita e esquerda, os aspectos apontados pelos licenciandos em seus relatórios indicaram a necessidade da realização de outras atividades prévias ao circuito, que explorassem gradualmente a percepção e a noção de direção antes da aplicação de propostas mais elaboradas, ou então que os comandos fossem deixados mais livres ou pudessem ser construídos com as próprias crianças, a partir dos seus conhecimentos e compreensões prévias sobre lateralidade. Tais aspectos confirmam a importância da adequação de propostas didáticas ao estágio de desenvolvimento cognitivo descrito por Piaget (1976), em que as crianças que estão na faixa pré-operatória ainda podem apresentar dificuldades em abstrair conceitos espaciais sem apoio concreto.

Outro ponto considerado foi que o circuito deveria ter um formato inicial mais simples e, posteriormente, sua dificuldade poderia ser ampliada, de forma progressiva, para formas mais complexas. Os relatórios produzidos pelos licenciandos também destacaram que a proposta foi concebida com a suposição de que os conceitos de esquerda e direita estivessem bem consolidados pelas crianças, o que não se confirmou em todos os participantes. Além disso, fatores externos, como o calor intenso enfrentado no desenvolvimento da ação ao ar livre em pleno janeiro, comprometeram parcialmente a dinâmica da atividade, gerando alguma fadiga nas crianças.

A segunda atividade, conduzida em um ambiente interno e climatizado do CEI, envolveu a contação de uma história que apresentava a origem da necessidade humana de efetuar contagens numéricas. A história, contada de forma lúdica e com o suporte de



imagens ilustrativas e de materiais manipuláveis produzidos com a tecnologia de impressão 3D (Figura 2), narrava a estratégia desenvolvida por um pastor de ovelhas, que utilizava pedrinhas para contabilizar o número de animais de seu rebanho que saiam para a pastagem. Para cada ovelha que deixava o cercado, o pastor recolhia uma pedrinha. Ao fim do dia, o pastor descartava uma pedrinha para cada ovelha que retornava ao estábulo. Com isso, caso sobrassem pedrinhas, o pastor saberia quantas ovelhas ainda não haviam retornado e poderia buscá-las no pasto.

Figura 2: Contação da história ‘O pastor e suas ovelhinhas’



Fonte: Os autores (2025).

O objetivo dessa proposta didática consistia em ilustrar uma função social da contagem de números naturais, relacionando quantidades e suas representações por meio de registros não convencionais. De acordo com os relatórios dos licenciandos, a atividade foi bem aceita pelas crianças, que demonstraram atenção e envolvimento com a história. Durante a contação, as crianças auxiliaram o narrador efetuando ações (descritas na história) com os materiais manipuláveis, seja retirando as ovelhas do cercado, recolhendo uma pedra para cada ovelha retirada e, posteriormente, levando as ovelhas de volta ao cercado, descartando uma pedra para cada ovelha que retornara, bem como realizando a contagem das ovelhas e das pedras, correspondendo-as entre si.

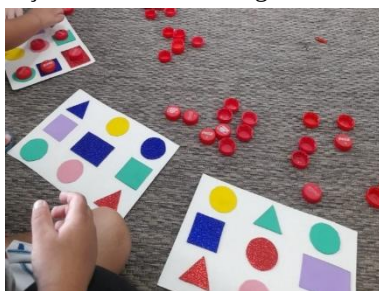
Consideramos que o uso de recursos visuais e objetos manipuláveis contribuiu para o envolvimento dos alunos com a contação da história, favorecendo a compreensão de conceitos numéricos e fortalecendo a identificação de relações entre a matemática e situações cotidianas que envolvem contagem. Tal ponto corrobora com as reflexões de Lorenzato (2006) ao defender que materiais manipuláveis possibilitam a vivência sensorial que antecede à compreensão conceitual. A experiência que as crianças têm ao ouvir e interagir com uma história também ficou expressa na forma com que participaram da atividade, reforçando nossas considerações de que propostas que são mais relacionadas às culturas escolares, quando aplicadas em contextos como esse (uma colônia de férias),



possibilitam uma adesão mais intensa por parte das crianças, visto que estão inseridas no seu cotidiano escolar. A participação das crianças foi expressa em como participaram da história, ajudando a contá-la, interagindo com as ações narradas e percebendo a correspondência entre ovelhas e pedras.

A terceira dinâmica realizada na oficina consistiu em um jogo de bingo, cujas cartelas continham formas geométricas em vez de numerais. Dispostas em uma circunferência, cada criança recebeu uma cartela confeccionada com EVA colorido e texturizado, contendo nove figuras (dentro círculos, triângulos, quadrados ou retângulos) de cores distintas (Figura 3). Os objetivos da proposta didática consistiam em explorar conceitos básicos de geometria plana e estimular a identificação de formas geométricas de acordo com dois atributos (formato e cor).

Figura 3: Aplicação da atividade ‘Bingo das Formas Geométricas’



Fonte: Os autores (2025).

Antes de iniciar o bingo, os licenciandos revisaram os nomes e características das figuras geométricas envolvidas, fazendo uso de um cubo tátil em que cada criança sorteava aleatoriamente uma peça de bloco lógico e devia dizer, em voz alta, o nome e a cor do formato sorteado. Após essa primeira etapa, iniciou-se o bingo, com um dos licenciandos efetuando a sorteio de uma peça por vez, descrevendo-a de acordo com suas características para que as crianças que tivessem tal peça em sua cartela a marcasse fazendo uso de uma tampinha de garrafa pet. Venceria a partida a criança que primeiro completasse todas as figuras de sua cartela. Porém, para não incentivar a competitividade entre as crianças, a dinâmica do bingo foi conduzida de modo com que todas venceriam em conjunto, pois a última peça a ser sorteada, um círculo amarelo, estava estrategicamente disposta em todas as cartelas do jogo.

Para estimular a aprendizagem colaborativa, as crianças foram divididas em grupos formados por até três integrantes, que contaram com o apoio e a supervisão de um licenciando. Assim, caso uma criança tivesse dúvidas sobre a peça sorteada poderia



solicitar auxílio aos colegas ou ao mediador do seu grupo. As crianças que faziam parte do espectro autista ficaram com a supervisão exclusiva do licenciando que efetuou o sorteio das formas geométricas. Em geral, as crianças desenvolveram estratégias de colaboração durante a realização dessa atividade, discutindo ou pedindo auxílio aos colegas e aos licenciandos em caso de dúvidas com determinadas peças. Essa interação realizada nos pequenos grupos evidencia o papel da mediação social, conforme defendido por Vygotsky (1989) ao destacar a importância da cooperação e da troca de experiências para a aprendizagem na zona de desenvolvimento proximal.

A quarta atividade foi desenvolvida no ambiente externo e envolveu a coleta de folhas e flores variadas para a confecção de pulseiras. Cada criança devia coletar os elementos da natureza que desejasse e, com fita adesiva, colá-los em seu pulso (Figura 4). No início da atividade, os licenciandos disponibilizaram algumas opções de folhas e flores de diferentes tamanhos, tipos, cores e texturas, de modo a ampliar a diversidade de materiais, já que as opções no próprio ambiente da colônia de férias eram limitadas.

Figura 4: Aplicação da atividade ‘Pulseira da Natureza’



Fonte: Os autores (2025).

A atividade foi realizada em um local com plantas, permitindo que as crianças se conectassem com a natureza. Embora parte das crianças tenha se distraído durante a dinâmica, observou-se um entusiasmo geral na seleção de elementos coloridos e considerados bonitos para a composição de suas pulseiras. Após a etapa de confecção, as crianças apresentaram suas pulseiras para os demais colegas e, com a supervisão dos licenciandos, efetuaram a classificação dos elementos selecionados a partir de suas características comuns.

A dinâmica possibilitou a integração entre a matemática e a natureza, aproximando a aprendizagem de experiências sensoriais, artísticas e afetivas. Consideramos que atividades como essa pressupõem uma educação que se estabeleça pelas relações com o meio ambiente. A sintonia entre criança e natureza é um dos pilares da educação integral. A criança se desenvolve em harmonia com seu ambiente e enquanto



proposta pedagógica, há uma estreita relação entre o mundo da vida e o mundo da escola.

A quinta e última atividade, intitulada ‘Semelhanças e Diferenças com Blocos Lógicos’ consistiu em uma dinâmica de busca por formas geométricas estrategicamente escondidas pelo ambiente da sala de aula. Os alunos, novamente divididos em trios, deviam encontrar e coletar peças de determinada cor, previamente sorteada (Figura 5).

Figura 5: Aplicação da atividade ‘Semelhanças e Diferenças com Blocos Lógicos’



Fonte: Os autores (2025).

Durante a atividade, observou-se o interesse de algumas crianças em incorporar peças de outras equipes em sua coleção, por preferência pela cor ou pelo formato geométrico, o que gerou situações de conflito e negociação entre elas. Apesar disso, a procura pelos blocos lógicos revelou-se uma experiência que estimulou as crianças a desenvolver habilidades de discriminação visual, categorização e comparação de atributos ao distinguir as peças por suas características de formato, cor e tamanho.

A atividade também promoveu a socialização, a cooperação e o trabalho coletivo entre as crianças, principalmente na etapa de comparação das peças dos blocos lógicos para identificação de suas semelhanças, diferenças e relações entre os diferentes atributos. Ainda, ao possibilitar que as crianças identificassem, comparassem e nomeassem as formas geométricas, a proposta didática dialoga com a perspectiva construtivista, na qual o conhecimento é construído pela ação do indivíduo sobre os objetos (Piaget, 1976).

Em síntese, as atividades desenvolvidas na oficina de Colônia de Férias, relatadas e discutidas nessa sessão, evidenciam que o uso de materiais manipuláveis e de estratégias lúdicas podem favorecer o envolvimento das crianças participantes e propiciar aprendizagens matemáticas. Entretanto, ressaltamos também a importância da intencionalidade pedagógica na mediação das propostas pedagógicas, especialmente para ajustar o nível de complexidade à faixa etária de quatro a cinco anos dos alunos da Educação Infantil. Essa adequação se mostra relevante para garantir que os conceitos matemáticos sejam revisados e construídos progressivamente, respeitando o ritmo das crianças e potencializando suas interações cognitivas e sociais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo relatar a experiência obtida com atividades didáticas voltadas ao ensino de conceitos matemáticos para crianças de quatro a cinco anos, no contexto de uma oficina aplicada em uma colônia de férias. A proposta buscou aproximar a matemática de vivências lúdicas e promover aprendizagens por meio do brincar e da exploração de materiais manipuláveis e elementos da natureza.

A análise da oficina possibilitou aos licenciandos, que atuaram como mediadores das atividades, compreender que os processos de aprendizagem demandam tempo para a apreensão de conceitos matemáticos e que o período limitado de uma intervenção pontual, como a relatada neste artigo, nem sempre é suficiente para consolidar todas as etapas desse processo. Nesse sentido, as atividades analisadas trazem indícios das demandas necessárias para o trabalho pedagógico com crianças nessa faixa etária, especialmente no que diz respeito à compreensão docente da relação espaço-tempo, cuja construção requer continuidade e progressividade.

Outro aspecto destacado é a centralidade do brincar no desenvolvimento infantil. O brincar não apenas constitui-se como uma prática natural das crianças, mas também representa a base sobre a qual suas aprendizagens são estruturadas. Quando associado a materiais manipuláveis e à intencionalidade pedagógica, o brincar pode se tornar um importante meio para a construção de conhecimentos matemáticos. O papel de mediação, desempenhado pelos licenciandos, também foi importante para orientar as atividades e estimular reflexões, negociações e novas formas de pensar. A mediação pedagógica contribuiu para ampliar as possibilidades de aprendizagem, favorecer a aquisição de novos conhecimentos pelas crianças e ampliar sua capacidade de pensar criticamente.

A experiência relatada também evidencia a influência da cultura escolar no desenvolvimento de propostas didáticas. Mesmo tratando-se de uma oficina aplicada em uma colônia de férias, as atividades mais alinhadas à cultura escolar (como a contação de histórias) e ao contato com o meio ambiente (como a pulseira da natureza) promoveram maior envolvimento e participação das crianças. Por fim, destaca-se que a aprendizagem matemática pode ganhar maior sentido quando conectada a materiais manipuláveis, a vivências concretas e à curiosidade das crianças. Dessa forma, iniciativas como a descrita nesse artigo podem contribuir não apenas para a construção de saberes específicos, mas também para a formação integral da criança, respeitando o tempo da infância, valorizando



o brincar e reconhecendo a mediação pedagógica com intencionalidade como elementos essenciais para o desenvolvimento infantil, mesmo durante o período de férias escolares.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pelo fomento ao grupo de Pesquisa em Educação Matemática e Sistemas aplicados ao Ensino (PEMSA), à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Comunidade (PROEX) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) pela concessão de bolsas de extensão e ao Laboratório Fábrica Matemática (FAB3D) da UDESC pela parceria na produção de materiais didáticos em impressão 3D e corte à laser.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. L.; DENSE, L. S. A importância de trabalhar a matemática na educação infantil. In: II Conferência Nacional de Educação Matemática, I Encontro Nacional Pibid/Residência Pedagógica/Matemática (FACCAT), VII Jornada Pedagógica de Matemática do Vale do Paranhana (JOPEMAT). XXV Encontro Regional de Estudantes de Matemática do Sul (EREMATSUL). Taquara (RS), 2019.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LORENZATO, S. (Org.). **O laboratório de ensino de matemática na formação de professores**. Campinas: Autores Associados, 2006.

MUNDIM, J. S. M.; SARAMAGO, G. A Matemática na Educação Infantil: enfoques e desafios. Cadernos da FUCAMP, v. 12, n. 16, 2013.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO; M. P. B. **Metodologia da Pesquisa**. 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTIAGO, K. L.; CREMONEZE, M. L. **Educação da Infância e o trabalho com a Matemática na Educação Infantil**: a experiência de um grupo de estudos. Cadernos da Pedagogia, v. 17, n. 38, 2023.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I.; CÂNDIDO, P. **Brincadeiras Infantis nas aulas de Matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

